



O homem que ...

The man who...

EDUARDO ROBERTO BATISTA

Doutor em Literaturas de Língua

Portuguesa (PUC Minas, 2022); Mestre em Administração (Faculdade Novos Horizontes, 2016). Graduado em Letras (PUC Minas, 2000). Graduado em Gastronomia (Faculdade Estácio, 2011). Professor dos cursos de graduação em Gastronomia do Centro universitário - UniArnaldo; do Serviço Nacional do Comércio - SENAC; Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte.

E-mail: eduardolit@gmail.com

RESUMO

Este artigo reflete sobre representações do homem contemporâneo nos contos do escritor gaúcho Marcelo Benvenuti, integrante da antologia de contos *Geração Zero Zero: fricções em rede*. A estrutura dos contos sugere a fragmentação do homem na pós-modernidade. O sujeito busca algo que não identifica com clareza e, muitas vezes, nessa procura, sucumbe sem êxito.

Palavras-chave: Marcelo Benvenuti, literatura contemporânea, Geração Zero Zero.

ABSTRACT

*This article reflects about representations of the contemporary man in the short stories of the writer Marcelo Benvenuti, part of the short story anthology *Geração Zero Zero: fricções em rede* (Generation Zero Zero: network frictions). The structure of the stories suggests the fragmentation of man in postmodernity. The subject searches for something that he cannot identify clearly and, often, in this search, he succumbs without success.*

Keywords: Marcelo Benvenuti, contemporary literature, Geração Zero Zero.



CAMPUS FUNCIONÁRIOS:

📍 Praça Arnaldo Janssen, 200
Funcionários | BH | MG | 30130-066
☎ 31 3524-5000

CAMPUS ANCHIETA:

📍 Rua Vitorino Marçola, 360
Anchieta | BH | MG | 30310-360
☎ 31 3524-5000

CAMPUS PILAR:

📍 Rua Professor Otílio Macedo, 12
Pilar | BH | MG | 30350-160
☎ 31 3524-5000

1 FRAGMENTOS DE UM HOMEM QUE...

Lançada em 2011, a antologia *Geração Zero Zero: fricções em rede* é composta por escritos de 21 autores ficcionistas brasileiros que estrearam nos dez primeiros anos do século XXI. O organizador da obra, o também escritor Nelson de Oliveira, nos convida a vivenciar textos até então inéditos (com exceção das crônicas de Lourenço Mutarelli, que já haviam sido publicadas em seu blog), e instiga o leitor a refletir a respeito do contexto histórico no qual essa geração de escritores desponta. A seleção dos textos foi feita, diferentemente de outras antologias, a partir da escolha dos autores – considerados por Oliveira como os melhores da chamada “Geração Zero”.¹ Segundo ele, há um grande número de publicações nesse período e a seleção e classificação para a organização do livro segue critérios próprios, mas ressalta que é importante lembrar que “[...] toda classificação é redutora, toda catalogação pressupõe um certo grau de simplificação e arbitrariedade” (OLIVEIRA, 2011, p. 12). Ao referir-se ao principal critério de escolha, refletido no título da antologia, o organizador acrescenta que “[...] qualquer definição geracional é, em essência, um pouco rígida e arbitrária” (p. 15). Contudo, a proximidade geracional entre os escritores presentes em *Geração Zero Zero* justifica o título da antologia e confere uma unidade temática que parece delinear algumas características de certa tendência da literatura na primeira década deste milênio.

Percebe-se como um importante traço dessa literatura, bem representada nos contos selecionados para análise neste artigo, uma referência necessariamente urbana, constituindo um espaço para personagens que são massacrados em sua experiência nas metrópoles. Para ilustrar esse aspecto, serão abordados três contos de Marcelo Benvenuti. Nascido em 1970, na cidade de Porto Alegre, publica seu trabalho inicialmente em seu blog, mantendo contato com seus leitores por e-mail, pelo Facebook e em outras redes sociais.² Em seu perfil online, o próprio escritor se

¹ Assim denominada, trata-se de uma subclassificação da “Geração Z”. Entende-se que é a parcela geracional que se mostra “apavorada com um futuro sem perspectiva diante da sexta extinção em massa, e primeira provocada por seres humanos” (cf.: <https://beieducacao.com.br/geracoes-x-y-z-e-alfa-cada-uma-se-comporta-e-aprende/#:~:text=Baby%20Boomers%3A%20nascidos%20entre%201946,nascidos%20entre%201997%20e%202010>). Acesso em 02 jan 2024). Pode-se considerar, então, que o critério geracional se ancora no contexto da publicação, no “nascimento dos textos”, por assim dizer, e não propriamente de seus autores, que de maneira geral, estariam mais próximos das chamadas “Geração X” e “Millennials”.

² O *blog* manteve atualizações entre 2010 e 2020, com a publicação de textos de gêneros variados,

definia como “Escritor. Mentiroso. Colorado. Cervejista. Pai do Lorenzo. Outras coisas as quais não interessam agora”. Entretanto, não se deve confiar em suas declarações, pois, como bem confessa, ele mente.³

Cabe observar que essa atividade no mundo virtual não é, de maneira geral, uma marca específica de sua geração, pois os nativos digitais só nasceriam na próxima onda. Benvenuti traz, assim, a visão de mundo de quem vive na fronteira dos mundos analógico e digital, tendo, igualmente, explorado o mercado editorial dos livros físicos: *Vidas cegas* (contos, 2002), *O livro laranja* (contos, 2003), *O ovo escocês* (contos, 2004), *Manual do fantasma amador* (contos, 2005) e *Arquivo morto* (contos, 2008).

Em entrevista ao site Verbo 21, Benvenuti fala de suas criações e explica a vida contemporânea retratada em suas linhas.

Eu me interessei em mostrar, publicar que seja, meus escritos quando descobri a internet, lá por 1995. Na época tinha um zine, assim como antes xerocava alguns para os amigos, no GeoCities. Era uma pré-história dos blogs. Tudo em HTML de Netscape, mal feito mesmo, porque nunca aprendia editar. Então, quer dizer que eu tinha lá meus 25 anos, fui publicar um livro com 31, e minhas influências ainda giravam em torno de Orwell, Huxley, Kafka e toda sorte de confusão política ou anarquista. Com o tempo, e os bares, fuicriando uma comunidade, meus amigos, que orbitam num terreno etílico-roqueiroundergroudizinho-portoalegrense que, claro, influenciou e fez uma suruba na minha mente, juntando tendências rebeldes pós-adolescentes com uma certa misantropia boêmia. Quando esse mundo se formou, que esse retrato foi se fechando: vazio existencial, falta de dinheiro, classe média urbana perdida em meio a um monte de medos e neuroses. Se isso é a minha vida? É a vida de quase todo mundo, então não dá pra saber se é a minha ou de qualquer outra pessoa.⁴

O que o escritor nomeia como “terreno etílico-roqueiroundergroudizinho - portoalegrense” pode ser entendido como um cenário comum ao universo urbano contemporâneo, esteja o foco na capital riograndense, em Tóquio, Seul, Joanesburgo, Amsterdam ou Cidade do México.

principalmente contos, crônicas e poemas, mas também pequenos ensaios sobre a cultura pop. No Facebook e no antigo Twitter, hoje o X, o escritor publicou até 2022, adequando seu conteúdo a essas plataformas, incluindo, além da temática literária e cultural, uma grande participação de conteúdo político e esportivo (o escritor é aficionado do rugby). Cf.: ESCRITOR POP: www.escritorpop.blogspot.com; e também: facebook.com/benvenuttimarcelo/; <https://twitter.com/BenvenutiMC>. Acessos em: 12 ago 2023.

³ Curiosamente, um acesso mais recente revela uma pequena alteração na descrição do perfil do escritor, na qual é suprimido justamente o adjetivo “mentiroso”: “Escritor portoalegrense, rugbier, cervejista e pai do Lorenzo, entre outras coisas as quais não interessam agora.” Cf.: <https://escritorpop.blogspot.com/2010/12/literatura-pop.html>. Acesso em: 12 dez. 2023.

⁴ Entrevista Verbo21. Disponível em: http://www.verbo21.com.br/v4/index.php?option=com_content&view=article&id=86:marcelobenvenuti&catid=50:entrevistas-fevereiro-2010&Itemid=84. Acesso em: 12 jun. 2017.

O que Marcelo Benvenuti apresenta ao leitor nesses contos é um conjunto de vidas breves, sintetizadas, evocando a velocidade como marca do mundo contemporâneo e do seu cotidiano, ligado à praticidade. Já apontando nessa direção, Julio Cortázar (1974) afirma que o conto é o resultado da batalha fraternal entre a vida e a expressão escrita dessa vida, ou seja, uma síntese viva e ao mesmo tempo uma vida sintetizada. O escritor aqui analisado busca, nessa síntese de mão dupla, o mínimo de meios e o máximo de efeitos. Pensamento emprestado de Tchekhov, quando afirma que o conto é “um mínimo de enredo e o máximo de emoção”. O texto de Benvenuti é um exemplo de como se pode caracterizar o homem atual através de narrativas que se assemelham a uma espécie de experiência imersiva em temáticas que permeiam o mundo globalizado. Suas narrativas vão compondo um catálogo mínimo e inescapável da vida cosmopolita, abarcando, por exemplo, a violência gratuita, o egoísmo, o vício, configurando um retrato crítico da sociedade contemporânea.

As personagens de Benvenuti não ultrapassam a barreira da individualização ou da mediocridade no seu cotidiano sem utopias. O foco das histórias narradas problematiza seu dia a dia e suas formas de sobrevivência. Assim, busca-se analisar neste artigo cada um dos três contos do escritor publicados na obra *Geração Zero Zero*: “O homem que mostrava a língua”; “O homem que amava as gordas (e as feias também)”; e “O homem que suava ratos”.

1.1 O homem que mostrava a língua

A narrativa começa com o protagonista, de nome Marcelo, saindo do trabalho, em um dia comum. Ele encontra com um amigo em um bar “pé sujo”, senta para beber com ele e, a partir daí, começa a sua trajetória de degradação, até se tornar um andarilho e morrer na calçada, com a língua para fora.

No começo do conto, o personagem de Benvenuti já demonstra a sua inadequação ao sistema, quando, por exemplo, não vê seu trabalho como algo importante: “[...] trabalhando em um trabalho que não me cabe aqui dizer. Era realmente um trabalhinho medíocre, de nada. Uma droga de trabalho” (BENVENUTTI, 2011, p. 43). Outro aspecto que chama a atenção é a definição que ele atribui ao seu amigo, que passa os dias no bar: “Um desses que não trabalham. Que pensam. Um desses que vivem sabe-se lá como. Um inútil. E vivia” (BENVENUTTI, 2011, p. 43).

Nesse pequeno trecho, o protagonista parece enxergar o trabalho como uma forma de mecanização do ser humano, por isso, aqueles que não trabalhavam, como o narrador deixa entrever, seriam os únicos que pensavam, e que, de algum modo, se rebelavam contra o processo de desumanização a que estariam submetidos aqueles que trabalhavam, entre os quais ele se inclui. Seu amigo vadio e boêmio não se encaixa, portanto, nas “convenções sociais” às quais ele mesmo havia se sujeitado, e esse encontro fortuito irá acarretar os conflitos existenciais que o levariam às últimas consequências.

Esse fato encenado nos remete de imediato às teorias de Frederick Taylor (1856-1915) sobre a mecanização da força de trabalho, assim como esclarece Kuenzer (2001). Com a organização capitalista, o taylorismo vem separar a “concepção” (cérebro, patrão) da “execução” (mãos, operário) e assim nega ao trabalhador qualquer manifestação ou participação proativa e criativa. Dessa forma, o protagonista enxerga a vida pelo crivo de uma oposição entre o trabalhador, visto como máquina, e os que não trabalham, seres pensantes, deixando evidente sua admiração pelo amigo “inútil” e seu desprezo pela própria condição de empregado, então submetido a um “trabalhinho medíocre”.

Um dia, após Marcelo se meter em uma confusão com o dono de um bar, ele resolve voltar do trabalho para casa por um caminho diverso do que sempre fazia: “Voltei pra casa por outro caminho. Na outra semana, Marcelo continuou voltando por outro caminho” (BENVENUTTI, 2011, p. 45). A mudança de trajeto é a metáfora que marca um ponto de inflexão na história do personagem; é nesse momento que tem início a degradação que ocorrerá na vida do protagonista ao longo da narrativa. Certo dia, logo depois de ver um anúncio na TV sobre a lei antitabagismo, Marcelo se vê proibido de fumar em outro bar no qual se encontrava. Ele tenta argumentar com o dono do bar e diz que, “num prédio onde traficantes mandavam, aquilo não tinha a menor importância” (BENVENUTTI, 2011, p. 48). Embora não consiga convencer o comerciante, o protagonista insiste em discutir com ele,

provocando nova confusão e acaba sofrendo agressões.

Nesse caminho de confronto com a norma social, Marcelo passa também a sofrer violência psicológica e emocional, sente-se como um estranho em qualquer lugar, afastando-se cada vez mais de suas antigas relações, pois nada mais fazia sentido e recusa-se a se acatar os mínimos hábitos que a vida em comum exigia.

Como explicita o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005), numa sociedade que prima pela ordem, não há espaço para aqueles que não se moldam, que não se ajustam. Marginalizado e excluído pela sociedade, o personagem termina os dias a perambular solitário pelas ruas, “catando baganas inexistentes do chão”, até o fim de sua líquida e fugaz vida.

No curso da narrativa, o personagem entra em um processo de degradação social e identitária, andando a esmo, de bar em bar, perde o emprego, perde o apartamento, perde a consciência de si:

[...] perambulava sozinho pela rua. [...] Consumiu toda a bebida do tio, apaciência dos vizinhos e o resto da dignidade que lhe restava. [...] De vez em quando recolhiam seu corpo para uma limpeza. Davam-lhe vermífugos. Cortavam o cabelo. Aparavam a barba (BENVENUTTI, 2011, p. 48).

A degradação desse personagem pode ser creditada a uma falta de perspectiva, pois, devido a uma desorientação, ele não consegue ver um futuro que valha a pena. Segundo Homi Bhabha (1998), o homem contemporâneo está vivendo em uma espécie de trânsito, o tempo e o espaço se cruzam e produzem figuras complexas de diferenças e identidades, borrando os limites entre interior e exterior, passado e presente, inclusão e exclusão. A essa reflexão, Bauman acrescenta que os medos e os problemas relacionados às identidades do homem pós-moderno “existem porque a precariedade, a instabilidade e vulnerabilidade são as características mais difundidas das condições de vida contemporâneas” (2005, p. 41). Esses aspectos estão bem encenados no conto de Benvenutti, tendo no personagem Marcelo a sua representação.

Outro elemento bastante importante em “O homem que mostrava a língua” é o narrador. O foco narrativo se alterna, ou mesmo se confunde, entre primeira e terceira pessoas, e essas vozes se dirigem diretamente ao leitor. Desde o início, estabelece-se uma conversa – às vezes, com um interlocutor plural –, como se tudo se passasse diante de um grupo de testemunhas, uma plateia de confidentes: “[...] me desculpem por incluir álcool logo no primeiro parágrafo” (BENVENUTTI, 2011, p. 43).

Na literatura brasileira, essa estratégia diegética, pela qual o narrador captura o leitor para compartilhar intimamente de suas desventuras, remete a uma artimanha muito marcante na escrita machadiana. Contudo, além de criar essa intimidade, no conto de Benvenutti, coloca o leitor numa posição incômoda de passividade ou de impotência diante da degradação do outro, quase como denúncia de um fenômeno

O homem que ...

que acomete muitas metrópoles na atualidade, em que as calçadas se tornaram o habitat deplorável de uma multidão alijada de sua integridade como sujeitos e como cidadãos. Os constantes atritos do protagonista com os demais, pouco a pouco retiram dele qualquer resquício de dignidade, aniquilam sua identidade humana, mas não são capazes de abalar minimamente a ordem das coisas.

Reforçando a referência machadiana presente nos diálogos com o leitor, ao final do conto, descobre-se que o narrador – ou pelo menos um deles – de algum modo, está morto, e é na condição de morto que narra também seu derradeiro momento:

Amanheceu morto numa manhã enevoadada de agosto. [...] Me senti como a fumaça que se desfaz. O líquido que escorre garganta abaixo. Inebriado, acendi um cigarro. Deixei que a cerveja consumisse o meu instante. Eu era abarbatana de um tubarão (BENVENUTTI, 2011, p. 48).

A imagem final da barbatana de tubarão pode funcionar como metáfora que ilustra bem o jogo de velar e desvelar, mostrar e esconder. Por um lado, pode representar uma ameaça, por outro, ela demonstra que não se vê o todo, pois, ao se observar apenas a barbatana do tubarão, não é possível definir o tubarão, assim como um bêbado morto na calçada não retrata toda a sua realidade, sua história, ou seja, os caminhos que o levaram até essa condição de ruína.

1.2 O homem que amava as gordas (e as feias também)

O conto narra a história de Marcelo (personagem e narrador), que, recém-separado, desenvolve uma atração irresistível por mulheres gordas. A partir de então, ele se relaciona sexualmente com várias gordas, contabilizando um número espantoso de noitadas. Bauman (2005) afirma que o homem contemporâneo, inserido numa realidade instável, sofre mudanças incessantes, o que o conduz para relações fugazes e transitórias:

Minha mulher não passava de alguém que me dava bom-dia e aceitava meus odores e defeitos sem reclamar. Me disseram que esse é o significado do casamento para um homem. [...] Mas o pior mesmo foi depois que tivemos um filho. Parecia que tudo iria melhorar. Mas o filho serviu apenas para escancarar ainda mais nossas diferenças. Antes que tudo se dissipasse em uma nuvem de ódio, tomei uma decisão extremamente feminina: pedi as contas. [...] Foi quando, morando sozinho, sem nada para fazer à noite, [...] sem amigos, perdidos anos atrás em brigas conjugais, saí. Para a rua (BENVENUTTI, 2011, p. 50).

É no espaço da rua, da metrópole, que o personagem desse conto irá buscar realizar-se de alguma forma, diferentemente do protagonista do conto anterior, que sucumbe diante da própria realidade, esse Marcelo fará um esforço, para superar suas frustrações e ser feliz, ainda que de modo inusitado.

Também nesse conto, são úteis as reflexões de Bauman (2005), que explica, no livro *Identidade*, que o homem contemporâneo se depara com as inseguranças e incertezas da modernidade líquida, suas identidades culturais, religiosas, sociais e sexuais sofrem transformações ininterruptas que o arrastam para a busca de relações passageiras, tornando-se incapaz de estabelecer vínculos mais profundos. Privilegia-se o movimento da busca, a quantidade, a alta frequência das ações, não suas consequências ou duração. Esse estado frenético atinge os valores humanos, como também as relações afetivas, pois, segundo Bauman, para o sujeito contemporâneo, estar em movimento é um requisito indispensável.

Assim, além de fazer a opção por mulheres gordas, ele começa a ter relacionamentos transitórios – “Depois de seis meses contabilizei trinta e quatro gordas diferentes” (BENVENUTTI, 2011, p. 50) – que irão satisfazê-lo até que conheça uma mulher feia, por quem se apaixonará profundamente.

Em seu enredo, o conto de Benvenutti destaca o grotesco e o bizarro. De maneira geral, o grotesco está assimilado às ideias de deformidade, excesso e estranhamento, bastante exploradas nas artes e na literatura desde a Antiguidade. A imagem grotesca tem, nesse campo, o efeito de provocar tanto a repulsa, quanto o riso – frequentemente, transita entre os dois. Também se pode pensar o grotesco associado a temas violentos, à sexualidade animalésca, àquilo que choca e, portanto, foge à “normalidade”. É interessante, porém, lembrar o que diz Kayser (2003, p. 40):

O mundo do grotesco é o nosso mundo – e não o é. O horror, mesclado ao sorriso, tem seu fundamento justamente na experiência de que nosso mundo confiável e aparentemente arrimado numa ordem bem firme, se alheia sob a irrupção de poderes abismais, se desarticula nas juntas e nas formas e se dissolve em suas ordenações.

Assim é que a ordem em que se assentava o mundo do personagem será subvertida. Após um casamento frustrado, no qual se sentia diminuído e desconfortável, Marcelo passa a sentir atração por mulheres gordas e feias. A contemplação estética deixa de ser o mais importante, dando lugar à satisfação sexual

sem qualquer pendor romântico.

Em dado momento, o protagonista conta que nunca fora muito aficionado à beleza e à higiene, apesar de amar o “bonito”. O narrador busca o oposto do que era a sua mulher, que ele assim descreve: “Minha mulher sempre foi, e ainda é até onde eu sabia e meu filho me conta, magra. Seca. Limpa. Bonita” (BENVENUTTI, 2011, p. 51).

A exígua descrição da ex-esposa – magra, seca, limpa, bonita – traz à tona, na visão aqui proposta, a ideia equivocada de que o padrão de beleza exigido por culturas eurocentradas – como, nesse aspecto, a brasileira – corresponde à normalidade, quando, de fato, o normal está longe desse modelo de beleza e, pode-se dizer, estaria mais próximo ao que comumente se entende por “grotesco”. Trata-se de uma distorção da realidade que o conto de Benvenuto, em alguma medida, problematiza. Para Nascimento (2007, p. 156):

[...] o grotesco é na verdade a busca, ou melhor, a aceitação do imperfeito. Contrariamente ao ideal estético que desde a Antiguidade prega a dominância do belo sobre o feio sendo a beleza por vezes tomada como sinal de bondade e a feiúra como maldade; o grotesco é humano.

Talvez inconscientemente, Marcelo buscava afastar-se cada vez mais de um ideal de perfeição, e seu interesse por mulheres gordas torna-se obsessivo, faz “qualquer negócio” para satisfazer seus desejos (investimento no prazer). “Engordei quinze quilos na força. [...] Fiz um acerto no trabalho e me instalei em um desses spas de gordos, ricos ou famosos” (BENVENUTTI, 2011, p. 51).

No spa, ele faz sexo com uma mulher de 270 quilos, o que lhe rende uma fratura em três costelas e uma lesão em um músculo das costas. Levado para o hospital, conhece uma enfermeira, a feia por quem se apaixona desesperadamente.

Era feia. Muito feia. A enfermeira de filme pornô às avessas. Tinha o nariz torto para um dos lados. Os peitinhos caídos e flácidos. Cabelo desmilinguido e ralo. Orelhas de abano. Mas chupava bem (BENVENUTTI, 2011, p. 52).

No conto, percebe-se as mudanças de padrão do narrador, passando por um casamento sobre o qual o leitor tem pouca informação, mas que se sustenta enquanto ele “amava o bonito” (BENVENUTTI, 2011, p. 50); em seguida, sua preferência por mulheres que lhe davam prazer, mas que não se enquadravam nos padrões convencionais de beleza.

De algum modo, a busca incessante pelo prazer e as experiências fugazes com

as mulheres gordas parecem ter a função de preparar o personagem para um novo tipo de relacionamento, talvez duradouro. O leitor ficará apenas com a percepção dessa mudança, pois o conto se encerra exatamente quando Marcelo percebe que está amando, e que, dessa vez, a beleza era o que menos importava: “Não me era possível viver sem aquela mulher feia. Horrenda. Que eu amava mais que todas as outras” (BENVENUTTI, 2011, p. 52).

1.3 O homem que suava ratos

A narrativa relata a história de mais um “Marcelo”, que, após perder o emprego em uma siderúrgica, se prepara para um concurso da Receita Federal. Durante o curso preparatório, Marcelo conhece Nanda, com quem tem um breve caso. Após algum tempo e já trabalhando na Receita, ele a reencontra.

A narrativa se inicia com a preparação de Marcelo para o primeiro dia de trabalho na Receita Federal, e com uma indagação que, aparentemente, ele se faz diante do espelho: “Usar loção ou não?” (BENVENUTTI, 2011, p. 53). A resposta a essa pergunta será retomada em outro momento da narrativa – “Escolhi loção. Um pouco. Para não parecer vaidoso demais” (BENVENUTTI, 2011, p. 55) – como se parte dos acontecimentos transcorresse nesse lapso de tempo cíclico, em que todos os dias se repetissem indefinidamente. A narrativa se desenvolve, assim, com a história de Marcelo e Nanda, mas retorna ao início, com o personagem no banheiro, decidindo se irá usar a loção ou não.

Inicialmente, o protagonista se refere à esposa como uma mulher que o apoia e que permite que ele cresça: “Se ela o apoia, mesmo sendo mulher, é porque você é bom naquilo que faz. [...] Tem gente que prefere as fortes. E se abraça num sovaco e some. Minha mulher, não. Deixou que eu estudasse” (BENVENUTTI, 2011, p. 54). Nesse trecho, a figura do “sovaco” traduz um sentido de dominação, como se essa parte do corpo, quase secreta, submetesse o outro num abraço de rebaixamento. Na visão do protagonista, isso não ocorre com ele, pois sua esposa “permitiu” que ele crescesse.

Contudo, apesar de dizer se relacionar bem com a esposa, Marcelo não demonstra preocupação em preservar o casamento e se entrega ao relacionamento com Nanda, um relacionamento fugaz e fluido, característica, como já assinalado, dos afetos pós-modernos (BAUMAN, 2005). O narrador se entrega ao momento, mas sem

compromissos que possam imobilizá-lo.

Mas um homem sempre vai atrás do cheiro que o faz virar um besta obediente. Nanda tinha o cheiro [...]. Era impossível que ele não quisesse possuir Nanda. Ele queria. Possuiu (ele achava que possuiu) (BENVENUTTI, 2011, p. 55).

Marcelo, no final do conto, descobre um rato em sua axila, o que estranhamente não é motivo de preocupação. O autor, nesse momento, retoma a figura do “sovaco”, e é possível supor que a figura do rato funciona como uma metáfora de Nanda, que já estava impregnada no seu corpo. Percebe-se essa referência na passagem: “O suor dela [...] rabeava pelos ventiladores de teto e invadia todos os poros de Marcelo” (BENVENUTTI, 2011, p. 55). O rato na axila do protagonista – imagem bem ao gosto kafkiano – pode simbolizar o desejo de posse de Marcelo sobre Nanda, pois, no espaço do sovaco, como já dito, alguns se deixavam subsumir. Pode, ainda, representar a presença secreta da amante, já que Marcelo, após reencontrar Nanda, entrega-se satisfeito a essa relação, mas não cogita desfazer seu casamento:

No dia seguinte, olhos no espelho. Loção? Nanda não se importa com loção. Não coloquei. Levantei o braço e notei que um rabo se mexia por entre os pelos do sovaco. Intrigado (o braço não coçava), esperei. Pensei em chamar minha mulher (ela não sabia de Nanda – nem saberia). Não chamei. Pouco apouco um corpo foi se formando sob minha axilas. Comecei a suar ratos (BENVENUTTI, 2011, p. 56).

No final da trama, o protagonista passa a “suar ratos”, mas isso não é problema para ele, pois o rato (Nanda) já fazia parte dele e já não era possível, nem era desejo de Marcelo, desfazer esse elo. Nesse triângulo do qual Marcelo pensa ser o principal vértice, não se sabe quem “possuía” quem.

2 INTERSEÇÕES

Observa-se, nos textos de Benvenutti, a angústia recorrente dos personagens.

As narrativas comovem, mas não iludem, servindo como crítica a essa sociedade pós-moderna. Seus protagonistas também se chamam Marcelo (elemento característico em sua obra – quiçá um alter ego do escritor?), confundindo-se ou fundindo-se vez ou outra com o narrador.

A estrutura dos contos sugere a fragmentação do sujeito da pós-modernidade. As pessoas, representadas pelos personagens, e particularmente pelos

“protagonistas-Marcelos”, estão confusas diante de um mundo repleto de possibilidades, de relações banalizadas e de consumo, o que inclui pessoas e coisas. O sujeito busca algo que não identifica com clareza.

Jovens escritores, assim como Benvenuti, surgem agressivos e impactantes, apresentando características do homem de seu tempo. Apresentam em seus textos o modo de ser, as angústias, as incertezas e os valores do homem pós-moderno. O mundo acelerado e a desestabilização criam uma relação na qual o mundo é tido como incerto, assustador, contraditório, incontrolável e exaustivo. (OLIVEIRA; PINTO, 2012)

O cotidiano retratado é marcado por uma sensação de mera sobrevivência. A busca desenfreada por encaixar-se em padrões em constante mutação desenvolve nas pessoas uma crise identitária e uma subjetividade fragmentada, levando, entre outros sintomas, à crescente dificuldade de se criar e sustentar laços sociais profundos e à formação de uma cultura massiva de consumo – incluindo o consumo de relacionamentos, que se pulverizam em quantidade e intensidade, mas não em qualidade dos afetos.

Tratando do contexto da modernidade, Freud, em *O mal-estar da civilização*, explica que a civilização se firma num ideal de ordem e pureza, e a procura pela “higiene” elimina tudo o que é considerado “estranho”, como uma espécie de “poluição”. Já no contexto da pós-modernidade, em que as convenções sociais não são tão claras ou definidas, era de se esperar que o sentimento e os fenômenos de exclusão fossem amenizados. Contudo, o mundo contemporâneo carrega em suas configurações uma incurável crise de pertencimento e identificação, e aqueles que não se adaptam às mutações vertiginosas que caracterizam esses tempos, acabam por poluir uma ordem cada vez mais ilusória e fugaz, e sentem-se tão “fora de lugar” quanto seus antecessores modernos. Ou seja, a sociedade sempre produziu seus “Marcelos”, e isso pelo menos parece imutável.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BENVENUTTI, Marcelo. **Entrevista Verbo 21.** Disponível em:

http://www.verbo21.com.br/v4/index.php?option=com_content&view=article&id=86:marcelobenvvenuti&catid=50:entrevistas-fevereiro-2010&Itemid=84 Acesso em: jul. 2017.

BENVENUTTI, Marcelo. **O homem que mostrava a língua.** In: OLIVEIRA, Nelson (Org). *Geração Zero Zero: fricções em rede.* Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011, p. 43-48.

BENVENUTTI, Marcelo. **O homem que amava as gordas (e as feias também).** In: OLIVEIRA, Nelson (Org). *Geração Zero Zero: fricções em rede.* Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011, p. 49-52.

BENVENUTTI, Marcelo. **O homem que transpirava ratos.** In: OLIVEIRA, Nelson (Org). *Geração Zero Zero: fricções em rede.* Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011, p. 53-56.

CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto.** In: Valise de cronópio. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KAYER, Wolfgang. **O grotesco.** Configuração na pintura e na literatura. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Pedagogia na fábrica:** as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo: Cortez, 2001.

FREUD, Sigmund (1930). **O mal-estar na civilização.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

NASCIMENTO, Amanda. **O grotesco** – uma análise do filme “O banquete”, de Anna Natale. *DAPesquisa, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 156-161, 2007.*

OGLIARI, Ítalo. **Pós-modernidade e condição humana na novíssima geração de contistas gaúchos.** 2007. 128f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) PUCRS, Porto Alegre, 2007.

OLIVEIRA, Angela F. Mendez de; PINTO, Helena. **O tempo contemporâneo e a literatura da Geração Zero Zero no Rio Grande do Sul.** *Cenários, Porto Alegre, v. 2, n. 6, 2º semestre, 2012.*

GERAÇÃO ZERO ZERO: fricções em rede. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.